

Monitoria como agente motivador do processo ensino-aprendizagem

Alan Pedrosa Viegas de Carvalho¹, alanpedrosa@hotmail.com; **Roberta Xavier Bruno**²; **Maria Alice Abranches**³.

1. Fisioterapeuta, especialista em Ciências da Reabilitação pela Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG.
2. Fisioterapeuta, especialista pela Sociedade Brasileira de Fisioterapia e Fisioterapia em Terapia Intensiva (ASSOBRAFIR), São Paulo, SP.
3. Pedagoga, mestre em Educação pela Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), Três Corações, MG.

Artigo recebido em 31 mar. 2010 e aprovado em 20 maio 2010

RESUMO: A atividade de monitoria é parte fundamental da Proposta Pedagógica da Faculdade de Minas (FAMINAS), respondendo à instância do ensino. Consiste no aproveitamento de estudantes do Ensino Superior em tarefas de ensino e pesquisa, de acordo com o seu rendimento e plano de estudos. Sua prática no contexto educativo data de longo tempo e se define como processo pelo qual alunos auxiliam alunos na situação ensino-aprendizagem. Com o desenvolvimento do pensamento pedagógico de orientação crítico-progressista, monitorar vem se tornando prática efetiva no contexto da realidade educacional das instituições de educação superior. A monitoria, como procedimento pedagógico, tem demonstrado sua utilidade, à medida que atende às dimensões política, técnica e humana da prática pedagógica. Neste contexto, buscou-se, através deste estudo, analisar a atividade de monitoria em anatomia humana da referida faculdade.

Palavras-chave: anatomia humana, aprendizagem, monitoria.

RESUMEN: Seguimiento como motivador del proceso de enseñanza-aprendizaje. El seguimiento de la actividad Pedagógica es una parte fundamental de la Facultad de Minas (FAMINAS), en respuesta a la instancia de la enseñanza. Consiste en el uso de los estudiantes en la enseñanza de la educación superior y las áreas de investigación, de acuerdo con su desempeño y planes de estudio. Su práctica en el contexto educativo de fecha larga y el tiempo se define como un proceso mediante el cual los estudiantes ayudan a los estudiantes en la situación de enseñanza-aprendizaje. Con el desarrollo del pensamiento crítico monitor progresivo orientado a la enseñanza se está convirtiendo en práctica efectiva en el contexto de la realidad educativa de las instituciones de educación superior. Seguimiento, como un procedimiento pedagógico, ha demostrado su utilidad, como trajes de la práctica pedagógica políticos, técnicos y humanos. En este contexto, se buscó, a través de este estudio analizar la actividad de supervisión de la anatomía humana de ese poder.

Palabras llaves: anatomía humana, aprendizaje, vigilancia.

ABSTRACT: Monitoring as a motivator of the teaching-learning process. The activity of monitoring is a fundamental part of the Pedagogical Procedure at Faculdade de Minas (FAMINAS), responding to the instance of teaching. It consists in the use of students in higher education teaching and research tasks, according to their performance and curriculum. This practice in the educational context of long date and time is defined as a process whereby students help students in the teaching-learning situation. With the development of critical

thinking teaching-oriented progressive monitoring is becoming an effective practice in the context of the educational reality of higher education institutions. Monitoring, as a pedagogical procedure, has demonstrated its usefulness, as suits the political, technical and human pedagogical practice. In this context, we sought, through this study to analyze the monitoring activity on human anatomy of that power.

Keywords: human anatomy, learning, monitoring.

Introdução

Existem poucos estudos brasileiros disponíveis sobre monitoria. No entanto, essa prática tem ocorrido com frequência nas universidades. Ela privilegia um espaço na vida acadêmica que possibilita ao aluno a criação de vínculos diferenciados com a universidade, com o conhecimento e com as questões educacionais (GUEDES, 1998).

A prática com monitores já ocorre há anos nas universidades brasileiras, mesmo antes de ser regulamentada pela Lei 5.540/68 da Reforma Universitária (BRASIL, 1968). Compreende-se o monitor como um estudante inserido no processo ensino-aprendizagem, que se dispõe a colaborar com a aprendizagem de seus colegas, e que, ao mesmo tempo em que ensina, está aprendendo (FOGARTY; WANG, 1982; ABREU; MASETTO, 1989; FEDERIGHI, 1989; NATARIO; VENDRAMINI, 1998).

Neste contexto, percebe-se que a monitoria está diretamente ligada ao conhecimento e às questões educacionais quando a consideramos como um espaço de aprendizagem oportunizado aos alunos de graduação. Seu objetivo é promover a melhoria da qualidade de ensino através do nivelamento dos alunos monitorados, através do aprofundamento teórico e o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à atividade docente do monitor.

O objetivo deste estudo foi analisar a atividade de monitoria humana sob a ótica do usuário e, para tanto, foram respondidas perguntas relativas ao método de ensino adotado pelo monitor, o conhecimento demonstrado nas aulas práticas, o interesse em ensinar e a clareza nas explicações. Além disto, fez-se a comparação do rendimento dos alunos na primeira e segunda avaliação, associando à frequência de estudo destes alunos no laboratório de Anatomia Humana e analisando a motivação destes alunos em serem futuros monitores desta disciplina.

I – Desenvolvimento

1.1 – Breve histórico

No Brasil, a prática da monitoria ocorreu pela primeira vez em 1823, no Rio de Janeiro, subordinada ao Ministério da Guerra. Importada da Inglaterra do século XVIII, sustentou-se até 1838 sem que houvesse iniciativas para repensá-la e adequá-la à realidade brasileira. Ao contrário, ela foi utilizada de forma automática e simplista pelo governo imperial, que a viu como uma solução barata para os graves problemas educacionais do país, pois faltavam professores habilitados e recursos para o seu pagamento. Essa prática foi garantida por lei e acabou transformada em modismo, não representando uma preocupação de educação para a classe pobre. Deixada de lado, não foi mais revista pelos educadores deste século, em consequência da maneira como foi transplantada para o país (FEDERIGHI, 1989).

A partir de 1968, com a Lei 5.540/68 da Reforma Universitária (BRASIL, 1968), pela qual foram fixadas as normas de organização e funcionamento do ensino superior, a monitoria foi regulamentada em âmbito nacional, como segue:

Artigo 41 – As universidades deverão criar as funções de monitor para os alunos do curso de graduação que se submeterem a provas específicas, nas quais demonstrem capacidade de desempenho em atividades técnico-didáticas de determinada disciplina.

Parágrafo único – As funções de monitor deverão ser remuneradas e consideradas título para posterior inclusão em carreira do magistério superior.

As instituições de ensino superior federais tiveram, especificamente, os Decretos n. 66.315/70 e 68.771/71, que traziam indicadores para a regularização das atividades de monitoria, caracterizando-a como função auxiliar docente em aulas, pesquisas e outras atividades técnico-didáticas. Esses decretos abriam a possibilidade de participação de estudantes em trabalhos de magistério e em outras atividades dos estabelecimentos de ensino superior federais (PUC–Campinas, 1998).

Em 1981, o Decreto n. 85.862/81 determinou que fosse incumbência das Instituições de Ensino Superior fixar as condições necessárias ao exercício das funções de monitoria:

Artigo 1º – Caberá às Instituições de Ensino Superior fixar as condições para o exercício das funções de monitor previstas no artigo 41 da Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968.

Parágrafo único - O exercício da monitoria não acarretará, em nenhuma hipótese, vínculo empregatício.

Artigo 2º – O Ministério da Educação e Cultura continuará a custear programas de monitoria aos Estabelecimentos Federais de Ensino Superior, com os recursos orçamentários a esse fim destinados, estabelecendo os limites mínimo e máximo de retribuição dos monitores.

Artigo 3º – Ficam revogados os Decretos n. 66.315, de 13 de março de 1970, e 68.771, de 17 de junho de 1971, e demais disposições em contrário.

Ao entrar em vigor este Decreto, as instituições de ensino superior adequaram seus estatutos e regimentos às normas legais para a monitoria.

Com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (n. 9.394 de 20/12/96) (BRASIL, 1996), a monitoria deixa de ter a obrigatoriedade de ser uma atividade necessariamente remunerada e as instituições de ensino superior podem optar pela remuneração ou não dos monitores e fica também regulamentado por esta lei o aproveitamento de alunos em tarefas auxiliares de ensino e de pesquisa, ficando a critério da própria instituição regulamentar internamente a atividade de monitoria, de acordo com a transcrição a seguir:

Capítulo XII – Das Disposições Gerais

Artigo 84 - Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.

Com isso, as instituições de ensino superior fizeram suas escolhas, umas praticavam um único tipo de monitoria e outras os dois, a remunerada e a não remunerada, muitas vezes chamada de voluntária.

Em relação aos benefícios e atribuições dos monitores, pode-se considerar que se diferem de instituição para instituição com alguns pontos em comum, ou seja, aqueles relacionados à melhoria do processo ensino-aprendizagem e ao aperfeiçoamento do monitor enquanto futuro docente.

Estudos internacionais como os de Sharpley et al. (1983) registram o aumento em escores acadêmicos de monitores em áreas não monitoradas por

eles. Ressaltam que o monitor, a partir da monitoria, pode ficar motivado para conteúdos específicos, e estender sua motivação a outras áreas do saber.

Além disto, criar vínculos diferentes com a universidade através do contato com os professores, funcionários e, conseqüentemente, maior aproximação com o conhecimento e com as questões acadêmicas são benefícios enormes para o monitor, os quais possibilitam a obtenção de vaga e de bolsa de pós-graduação na instituição, desde que respeitadas às exigências e requisitos necessários para a inserção na carreira de docência.

1.2 – Definição

No contexto escolar, a monitoria tem sido definida como um processo pelo qual colegas auxiliam colegas na situação de ensino-aprendizagem. Já na época da Revolução Industrial, programas de tutoramento ou monitoria eram organizados com crianças de idades próximas para trabalhos de classe em escolas inglesas, a fim de compensar a escassez de professores habilitados (FORGATY; WANG, 1982).

Abreu e Masetto (1989) definem o monitor como um aluno de turma mais avançada que se dispõe a colaborar no processo de ensino e aprendizagem com outros alunos e com o professor.

Para Megda (1979), o monitor é como um “paraprofissional”, uma pessoa que se envolve em atividades comumente reservadas a um profissional. A esta idéia, Federighi (1989) acrescenta que o monitor é a pessoa que, muitas vezes, sem possuir uma preparação formal e sem dispor de credenciais, pode realizar importantes serviços em instituições educacionais e assistenciais. Esses dois conceitos se aproximam da compreensão da monitoria como prestação de serviços.

Masetto (1995) vê o monitor como um agente valioso no processo ensino-aprendizagem, avaliando seu próprio desempenho, conferindo-o com o professor, ajudando a analisar o desempenho do próprio docente, dos alunos e das condições oferecidas pela universidade. Tais análises, que englobam críticas e sugestões, ajudam a garantir que a experiência de aprendizagem proposta seja continuamente revista (MASETTO, 1975).

Enfim, a monitoria é uma atividade que tem por finalidade despertar o interesse pela carreira docente, prestar auxílio a professores para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das atividades técnico-didáticas, bem como contribuir para a manutenção de um relacionamento pedagógico produtivo entre o corpo discente e docente. O compromisso do monitor com o processo de aprendizagem se efetiva quando ele ajuda os discentes a expor problemas ao professor da unidade de ensino, pois, já tendo passado por esta, é capaz de

captar melhor as dificuldades apresentadas; incentiva e dinamiza as equipes de trabalho; colabora com os alunos, construindo um ambiente de aprendizagem construtivo e gratificante.

O'Donnell et al. (1986) constataram, também entre universitários, que a aprendizagem cooperativa entre colegas de mesmo grau facilita o desenvolvimento acadêmico, quando comparada à aprendizagem individual.

Coles e Holm (1993), na descrição de um estudo com universitários sobre aprendizagem baseada em problemas, verificaram que o desempenho cognitivo é favorecido em pequenos grupos com monitor, cuja discussão aumenta as oportunidades de elaboração e manipulação da informação.

1.3 – Efetivação do processo de monitoria

A educação ocorre em qualquer lugar e, neste sentido, a monitoria pode ocorrer em diferentes locais, como sala de aula, laboratório, biblioteca, residência ou outros e o tempo pode também ser variável, dependendo da disponibilidade e dos objetivos a serem propostos, porém o ambiente deve proporcionar uma comunicação livre, liberdade de expressão de idéias e sentimentos pautados na cooperação e confiança mútua.

A monitoria abrange o conteúdo curricular, em que os conhecimentos ou habilidades, ou uma combinação de ambos, são trabalhados pelo monitor com um grupo de alunos. Deve haver flexibilidade na condução de atividades de monitoria entre pares e grupos, para que haja trocas de experiências e para que o esclarecimento de dúvidas ocorra de maneira espontânea, conforme as necessidades dos alunos (TOPPING, 1996).

Conforme citado anteriormente, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (n. 9.394, de 20/12/96) (BRASIL, 1996) a monitoria ganhou a possibilidade de ser atividade remunerada ou não. Com isso, em alguns casos, a monitoria passou a ter outros critérios de seleção inclusive o poder aquisitivo do aluno.

Os monitores e alunos não precisam necessariamente ter a mesma escolaridade, podem ou não pertencer à mesma série, o que deve ser considerada é a capacidade cognitiva do monitor, ou seja, o monitor deve apresentar melhor desempenho acadêmico em conhecimentos e ou competências e habilidades e que consiga trabalhar isso com os alunos.

Neste sentido, Topping (1996) afirma que diferenças muito grandes quanto à habilidade podem ser desestimulantes para ambos, e que o aluno, ao invés de se sentir desafiado pela tarefa e ter o monitor como um aliado, poderá ter sua auto-estima rebaixada ao vê-lo como modelo inatingível. O monitor, por sua vez, poderá adquirir poderes de decisão que dificultem a colaboração e o crescimento mútuos.

Na maioria das universidades brasileiras, o aluno para ser monitor precisa estar cursando entre o segundo e o último semestre do curso, desde que aprovado na disciplina que vai monitorar. Outro critério está relacionado ao vínculo do aluno monitor com a instituição: o monitor não deve possuir outro tipo de bolsa ou atividade remunerada (iniciação científica, bolsa-trabalho, bolsa-estágio), o que possibilita o monitor cuidar de sua vida acadêmica dispondo de tempo para o estudo e também para agregar um maior número de alunos em programas institucionais.

1.4 – O papel do monitor

A atuação do monitor tende a ser de incentivo para a cooperação entre os participantes e de auxílio para o aumento das oportunidades de conferir a apreensão dos conteúdos e de suas aplicações, seja dinamizando as equipes de trabalho, seja revendo, em grupos ou individualmente, as dificuldades (MASETTO, 1975).

A relação monitor-monitorado tende a ocorrer em um contexto de amizade, de troca, de forma afetiva. Esta relação é menos formal do que a que ocorre entre professor e aluno. Em geral, o monitor oferece reforço verbal positivo e tempo necessário para que o monitorado possa responder às questões, espera que este acerte e esclareça suas dúvidas com mais frequência que o docente. Os monitorados procuram os monitores, em geral, para conferir trabalhos, pedir explicações e solicitar materiais (CARDOSO, 1997). Neste contexto, é possível que tanto monitor como aluno descubram dificuldades pessoais ou pedagógicas que possuem.

Outro fato que ajuda a perceber o papel ativo do monitor no relacionamento com o monitorado e no progresso acadêmico é a ausência de diferença significativa, entre um e outro, na frequência de desencadeamento das interações (FOGARTY; WANG, 1982). Esta afirmação coloca monitor e aluno no mesmo patamar de igualdade de condições e de receber informações durante o processo de monitoria o que facilita o processo de aprendizagem de ambos.

O papel do monitor pode ser ampliado, indo além das necessidades básicas das disciplinas, do aluno, do professor ou da instituição, desde que sua atuação seja compatível com a sua área de formação e com os recursos disponíveis pela instituição, como por exemplo, auxiliar na elaboração de trabalhos acadêmicos utilizando a metodologia científica, no uso da biblioteca, na sugestão de livros, filmes e eventos que contribuam com o crescimento pessoal e profissional do aluno monitorado.

No decorrer do processo de monitoria é comum deparar-se com situações em que o monitor colabora mais com o professor do que propriamente

com os outros alunos. A ajuda ao professor não deve ser relegada ao plano de exercer tarefas inadequadas, tais como, transportar materiais, controlar materiais, controlar frequência e notas, fiscalizar provas e até mesmo limpar peças de laboratório. O problema não é colaborar com essas atribuições que em geral devem ser exercidas pelo professor ou um funcionário da instituição, mas sim relegar o processo educacional em segundo plano.

Ao contrário disto, o professor que tem sob sua orientação um monitor deve contribuir para que ele desenvolva seu potencial docente através de um plano de atividades bem planejado e elaborado.

O professor deve constantemente acompanhar e orientar o monitor quanto às suas dúvidas, acertos e desacertos, além de mantê-lo informado sobre documentação o que lhe trará benefícios profissionais, sociais e emocionais, com aumento de suas relações interpessoais, desenvolvimento da capacidade empática, reforço da auto-imagem e da auto-estima. O desenvolvimento da capacidade empática implica em melhora nas realizações acadêmicas e ganhos emocionais para os monitores que, quando voltam às suas salas de aula na qualidade de alunos, compreendem melhor os conteúdos desenvolvidos pelos professores e o papel que estes desempenham na escola (SHARPLEY, 1983; FEDERIGHI, 1989).

Estudos sobre monitoria têm evidenciado os benefícios desses programas e têm levado educadores a reconhecerem o potencial dos alunos para aprender ensinando.

II – Material e métodos

A amostra foi previamente determinada por 92 discentes devidamente matriculados na disciplina de Anatomia Humana no segundo período de seus respectivos cursos, na Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé (MG). Destes, 26,08% (24) pertenciam ao curso de Fisioterapia, 13,04% (12) ao curso de Terapia Ocupacional, 23,91% (22) ao curso de Enfermagem, e 36,95% (34) ao curso de Educação Física. A pesquisa de cunho quali/quantitativo foi realizada através de um questionário avaliativo sobre a monitoria de Anatomia Humana, sendo composto de 10 perguntas elaboradas pelos monitores de Anatomia Humana juntamente com o professor desta disciplina. O questionário foi aplicado pelo professor da disciplina em sala de aula, ao final do semestre letivo. O grupo de monitores era composto por quatro alunos regularmente matriculados no sexto período do curso de bacharelado em Fisioterapia, os quais passaram por um processo seletivo estabelecido pelas normas da faculdade, divulgado e aplicado de acordo com edital único. As perguntas relativas aos monitores eram a respeito de conhecimento, interesse e motivação para ensinar e

metodologia aplicada nas aulas. As perguntas relacionadas aos monitorados relacionavam-se à frequência de estudos no laboratório de anatomia, nota obtida na primeira e na segunda etapa do semestre letivo, e o interesse do aluno em ser um futuro monitor desta disciplina. Os dados foram analisados, compilados e apresentados a seguir.

III – Resultados e discussão

A monitoria de Anatomia Humana foi ofertada de segunda-feira a quinta-feira fora do horário de aula convencional aos alunos do 2º período que cursavam esta disciplina. Cada monitor realizava sua atividade no laboratório de anatomia humana da instituição em pelo menos 5 horas semanais. Foram dadas 8 aulas com a utilização de recursos audiovisuais, sendo cada monitor responsável por apresentar 2 delas, com os respectivos temas: anatomia do sistema endócrino, anatomia do sistema muscular, anatomia do sistema articular, anatomia do sistema respiratório, anatomia do sistema cardíaco, anatomia do sistema digestivo, anatomia do sistema reprodutor feminino e masculino. Além disto, os monitores estavam à disposição no anatômico em seus horários para que dúvidas pudessem ser sanadas, bem como para estudos adicionais.

Os dados obtidos com a pesquisa revelaram que os monitores de Anatomia Humana demonstraram conhecimento do conteúdo em 67% das vezes que foram requisitados e 33%, às vezes. Em relação a terem interesse em ensinar o conteúdo, 81% dos entrevistados afirmaram que sim, 17% às vezes, e apenas 2% não. Já em relação à clareza e objetividade de suas explicações, 55% disseram que sim e 45%, as vezes.

Observou-se que o aumento da frequência dos alunos no anatômico desencadeou uma melhora significativa no rendimento na disciplina de Anatomia Humana dos 92 discentes; este fato é demonstrado quando se comparam os dados referentes à frequência e notas. As notas abaixo da média na primeira etapa correspondiam a 55 % dos alunos e na segunda etapa esse valor caiu para 28%. E as notas acima da média da primeira para a segunda etapa subiram de 45% para 72% dos discentes. Esses dados revelam a importância da monitoria em desenvolver atividades que estimulem o estudo e a busca do conhecimento pelos acadêmicos.

Quanto à frequência do estudo no anatômico, foi observado que 59% dos alunos compareciam na semana de prova, 23% na véspera da prova e somente 18% semanalmente. De segunda à quinta-feira, dias em que os monitores estavam no anatômico, houve equilíbrio na proporção de frequência de alunos; na sexta-feira, notou-se menor comparecimento de alunos devido ao fato de não haver monitor no laboratório

Observou-se que o interesse em ser monitor de Anatomia Humana foi demonstrado por 50% dos discentes, reafirmado um dos objetivos da monitoria, despertar o desejo pela docência.

IV – Considerações finais

Neste estudo, pôde-se verificar que a pesquisa contribuiu para que o monitor realizasse uma avaliação do seu papel como agente ativo e co-participativo no processo ensino-aprendizagem, podendo, com isso, valorizar mais a relação professor-aluno e a aprendizagem participativa, que possibilita ao estudante ser ouvido sobre suas dificuldades e receber maior incentivo ao estudo.

Evidencia-se que os monitores de Anatomia Humana que passaram pelo processo seletivo da Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé (MG), estavam aptos a desenvolver suas atividades de monitoria com competência e ministrar o conteúdo de forma clara e objetiva.

A realização de atividades que estimulam o aumento da frequência dos discentes no anatômico se torna imprescindível para uma melhoria na qualidade do ensino, o que provavelmente culminará em rendimento melhor nas demais disciplinas subseqüentes, diferentemente da disciplina de anatomia em que foi constatada a melhora significativa do rendimento dos estudantes monitorados da primeira para a segunda etapa do semestre letivo.

O interesse da metade dos discentes em serem monitores desta disciplina revela a importância do papel coadjuvante da monitoria para a melhoria do aprendizado e estímulo a busca do conhecimento.

A monitoria, por ser um estudo em grupo dos conteúdos trabalhados em sala de aula pelo docente titular, permite uma aproximação maior entre os pares, levando o monitor a exercer a função principal de um professor, ser o facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Além disso, pode-se destacar que a monitoria ultrapassa o sentido de um simples acompanhamento, pois possibilita acompanhar sistematicamente o processo de desenvolvimento do aluno através da verificação das dificuldades apresentadas e do planejamento de atividades que possibilitem a melhoria deste aluno na área cognitiva e atitudinal. Acrescenta-se ao contexto o elo e relação de amizade que se estabelece entre monitores e monitorados, levando-os ao respeito às diferenças individuais e cooperação.

Vale ressaltar que a monitoria favorece e intensifica a integração entre o corpo docente e discente, motivando o aluno para as atividades de ensino, pesquisa e extensão, mesmo considerando que o objetivo máximo da monitoria esteja no ensino, compreende-se que pesquisa, extensão e ensino são

indissociáveis e se inter-relacionam para efetivar o processo de ensino-aprendizagem e, desta forma, amplia a visão do aluno permitindo-lhe identificar e ou atuar em um dos pilares que sustentam a educação superior.

Referências bibliográficas

TOPPING, K. J. The effectiveness of peer tutoring in further and higher education: a typology and review of the literature. **Higher Education**, v. 32, n. 3, p. 321-345, out. 1996.

ABREU, M. C. de; MASETTO, M. T. **O professor universitário em sala de aula**. São Paulo: Associados, 1989.

BRASIL. Lei n. 5540, de 28 de novembro de 1968. **Lei da Reforma Universitária**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm>.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>.

CANDAU, V. M. F. A didática e a formação de educadores – da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. F. (org.) **A Didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARDOSO, S. M. V. **A relação professor-aluno na construção do conhecimento**: a questão da monitoria, Universidade São Francisco, texto não publicado.

COLES, C.; HOLM, H. A. Learning in medicine: towards a theory of medical education. In: COLES, C.; HOLM, H. A. (orgs.). **Learning in medicine**. Oslo: Scandinavian University Press, 1993.

FEDERIGHI, M. D. **Monitoria na 5ª série**: uma proposta pedagógica. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1989.

FOGARTY, J. L.; WANG, M. C. An investigation of the cross-age peer tutoring process: some implications for instructional design and motivation. **Elementary School Journal**, University of Chicago, EUA, v. 82, n. 5, p. 451-469, 1982.

GUEDES, M. L. Monitoria: uma questão curricular e pedagógica. In: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA. **Monitoria**. Série Acadêmica, n. 6. Campinas: PUC-Campinas, 1998.

MASETTO, M. T. Ensino-aprendizagem no 3º grau. In: D'ANTOLA, Arlete (org.). **A prática docente na universidade**. São Paulo: EPU, 1992.

MASETTO, M. T. **A relação professor-aluno na proposta educacional do primeiro ciclo da PUC-SP para as áreas de ciências humanas e educação.** 1975. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1975.

MEGDA, S. I. D. **Composição da figura humana, identificação e tato de suas partes: influência de treinadores e de procedimentos de treino em pré-escolares com repertório restrito.** 1979. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1979.

NATÁRIO, E. G; VENDRAMINI, C. M. M. **Motivos e dificuldades para o exercício da função de monitor na USF, segundo a opinião dos monitores.** In: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO BRAGANÇA PAULISTA, 1., 1998, Bragança Paulista. **Anais...** Bragança Paulista, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da Universidade São Francisco, 1998, p.179.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA. **Monitoria.** Série Acadêmica, n. 6. Campinas: PUC- Campinas, 1998.

SHARPLEY, A. M. et al. An examination of the affectiveness of a cross-age tutoring program in Mathematics for elementary school children. **American Education Research Journal**, Queensland Catholic Education Office, Brisbane, Australia, 1983, v. 20, n. 1, p.103-111, 1983.